



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/02/2026 e 26/02/2026

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>20/02/2026</b>	11,37	309,80	58,92	5,73	4,27
<b>23/02/2026</b>	11,34	308,70	59,39	5,69	4,27
<b>24/02/2026</b>	11,39	310,70	60,03	5,67	4,27
<b>25/02/2026</b>	11,48	318,30	60,26	5,65	4,30
<b>26/02/2026</b>	11,47	317,60	61,29	5,71	4,33
<b>Média</b>	<b>11,41</b>	<b>313,02</b>	<b>59,98</b>	<b>5,69</b>	<b>4,29</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Nonoai	<b>117,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>116,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>116,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>112,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>98,00</b>	
MS – Maracaju	<b>106,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>109,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>110,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>66,50</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>65,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>SC</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>57,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>61,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>51,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>56,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>52,00</b>	
MS – Maracaju	<b>54,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>66,00</b>	
SP – Campinas	<b>70,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>56,00</b>	
GO – Jataí	<b>56,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Nonoai	<b>56,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>56,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>65,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>61,00</b>	

Período: 25/02/2026

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 26/02/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>58,24</b>	<b>118,15</b>	<b>55,00</b>

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
26/02/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>53,26</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>135,91</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>52,00***</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>6,31</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,01**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>11,28</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(\*\*) Referência Dezembro/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja ensaiaram uma redução, em Chicago, nesta última semana de fevereiro. Porém, mais para o final da mesma houve recuperação, com o primeiro mês cotado atingindo a US\$ 11,48/bushel no dia 25 e fechando a quinta-feira (26) em US\$ 11,47, contra US\$ 11,41/bushel uma semana antes. O valor do dia 25/02 foi o mais elevado desde o dia 18/11/2025. Além do óleo, que ultrapassou o teto dos 60 centavos de dólar por libra-peso durante a semana, o farelo igualmente subiu, atingindo a US\$ 318,30/tonelada curta no dia 25, o maior valor desde o dia 19/11/2025.

Dito isso, o mercado apresentou preocupação para com o fato de que a China poderia estar menos interessada em comprar soja dos EUA após a retirada do tarifaço por parte de Trump, tornado ilegal pela Suprema Corte daquele país. Por enquanto, o recuo chinês não se concretizou. Mas, com o recuo das tarifas não haveria necessidade de o chineses comprarem soja estadunidense devido a negociações passadas, pois a soja brasileira continua mais barata do que a do país norte-americano. Pelo sim ou pelo não, a decisão das tarifas trouxe mais incertezas ao mercado, o que era de se esperar a partir da atitude intempestiva de Trump, tomada ainda em abril do ano passado.

Enquanto isso, importante se faz alertar para o fato de que, diante de ações internas dos chineses, “uma combinação de tecnologias e ajustes de demanda como está previsto, a China pode reduzir de forma profunda a necessidade de importar soja. Hoje a produção chinesa de proteínas responde apenas por 13% a 17% de suas necessidades, mas isso pode subir para 61% em 2030 e 94% em 2035, confirmando o que estamos alertando há anos: a China está se preparando para comprar menos, especialmente soja, do mundo”. Hoje, em um mundo conturbado e menos coeso, o que mais interessa é “quem garante suprimento com menor risco” e não “quem vende mais barato” (cf. Farmnews, 22/02/2026).

Afora isso, destaque para o fato de que os agricultores estadunidenses, assim como a maioria dos brasileiros e argentinos, estarem enfrentando o quarto ano consecutivo com lucros baixos ou negativos. No caso estadunidense, isso ocorre mesmo com subsídios do governo.

Já na Argentina, o retorno das chuvas nas regiões de produção melhorou as condições hídricas das lavouras, aumentando o estágio ótimo para 66% das mesmas. Assim, os argentinos mantêm a estimativa de uma colheita de 48,5 milhões de toneladas, lembrando que o vizinho país é o maior exportador mundial de óleo e farelo de soja. Para o milho, os argentinos esperam colher um recorde de 57 milhões de toneladas em 2025/26.

E no Brasil, os preços continuam recuando diante de um câmbio que torna o Real cada vez mais forte. Nesta semana a moeda brasileira chegou a R\$ 5,12 por dólar, cotação somente vista em maio de 2024. Assim, os preços nas principais praças gaúchas giram entre R\$ 116,00 e R\$ 117,00/saco, enquanto nas demais praças brasileiras os mesmos ficam entre R\$ 98,00 e R\$ 116,00/saco.

A colheita da soja brasileira teria alcançado 30% da área até o dia 19/02, estando atrasada, pois no ano passado ela atingia a 39% da área semeada. Na verdade é o percentual mais baixo desde a safra 2020/21 (cf. AgRural).

Especificamente no Mato Grosso, a colheita atingia a 66% da área até o final da semana anterior, contra a média histórica de 57,2% para a esta data. Já o plantio do milho safrinha, naquele Estado, chegava a 66,3% da área prevista, contra 71,5% na média histórica (cf. Imea).

E no Paraná, a colheita da soja chegava a 37% da área, contra 49% na mesma época do ano passado (cf. Deral).

No Rio Grande do Sul, a colheita da oleaginosa ainda não iniciou e, mesmo com retornos das chuvas em muitas regiões, a estimativa de quebra de safra, em relação ao esperado, continua ao redor de 30% junto ao setor produtivo, havendo muitas regiões declarando “estado de emergência” devido a estiagem.

Enfim, a Anec voltou a rever para baixo as exportações de soja por parte do Brasil em fevereiro. Agora, espera-se um volume de 10,7 milhões de toneladas, com um corte de 800.000 toneladas sobre o anunciado na semana anterior. Também os embarques de farelo no mês foram reduzidos, passando, agora, para 1,73 milhão de toneladas.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, após alguns dias em estagnação, subiram para US\$ 4,33/bushel no fechamento da quinta-feira (26), contra US\$ 4,25 uma semana antes.

O anúncio, pelo Fórum Outlook do USDA, de uma redução de área a ser semeada com milho nos EUA em 2026/27 se torna altista para o cereal. A redução de 2 milhões de hectares indicada, se confirmada, significa menos 30 milhões de toneladas em clima normal.

E no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis. No Rio Grande do Sul as principais praças se mantiveram ao redor de R\$ 57,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 51,00 e R\$ 66,00/saco neste final de fevereiro. Mesmo assim, os compradores têm considerado que os preços estão elevados, além dos problemas de logística, já que a prioridade tem sido a soja.

Por sua vez, o plantio da safrinha 2026 atingiu a 50% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, no dia 19, contra 64% um ano atrás. Já a colheita do milho de verão, na mesma região, chegava a 28%, contra 37% um ano antes (cf. AgRural). Em termos do conjunto do país, 47% da safrinha havia sido semeada até o final da semana anterior, contra 53,2% na média histórica. Já a colheita de verão atingia a 20,5% da área total, contra 22,2% na média histórica. Até então, o Rio Grande do Sul havia colhido 58% da área, Paraná 25%, Santa Catarina 22%, Bahia 5% e São Paulo 4%. Os demais estados ainda não iniciaram a colheita (cf. Conab).

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, até o dia 19/02, a colheita do milho de verão atingia a 58% da área, contra a média de 51% para a data.

E em Santa Catarina, nos últimos 10 anos, a produção de milho apresenta fortes oscilações. No período, a área semeada recuou 30%, passando para 258.000 hectares atualmente, “reflexo da competição com outras culturas, como a soja, e limitações de expansão agrícola” (cf. Epagri e Sicoob Central SC/RS).

## MERCADO DO TRIGO

Após atingir a US\$ 5,73/bushel no dia 20/02, o primeiro mês cotado em Chicago, para o trigo, recuou um pouco, fechando esta quinta-feira (26) em US\$ 5,71, contra US\$ 5,59/bushel uma semana antes. O valor do dia 20/02 foi o mais elevado desde o dia 24/02/2025, ou seja, há praticamente um ano atrás.

Dito isso, como já é do conhecimento geral, a Argentina colhe uma safra recorde, que deve ficar entre 27 e 28 milhões de toneladas. Com isso, seu trigo se torna um dos mais competitivos do mundo, o que favorece as compras brasileiras. Especialmente neste momento em que o Real está bastante valorizado. Esta realidade tem segurado em baixa os preços do trigo nacional. “Por outro lado, caso os preços FOB argentinos avancem ao longo dos próximos meses, o impacto será direto sobre o custo de importação brasileiro, especialmente para os moinhos das regiões Sul e Sudeste. Ao mesmo tempo, preços externos mais firmes podem oferecer sustentação às cotações internas nos estados produtores, como Paraná e Rio Grande do Sul” (cf. Cepea).

Aliás, a melhoria das cotações em Chicago já deu um pequeno suporte aos preços internos do cereal, os quais subiram para R\$ 56,00/saco nas principais praças gaúchas, embora tenham ficado estáveis entre R\$ 61,00 e R\$ 65,00 nas praças paranaenses.

Neste momento, segundo a consultoria TF Agroeconômica, o sentimento é que o mercado do trigo no Sul do país sofre ajustes, pois a oferta está menor em algumas regiões e a comercialização avança em ritmo diferente entre os estados, influenciada por exportações, qualidade do produto e necessidade de armazenamento. No Rio Grande do Sul, surgem rumores de menor disponibilidade para abastecer os moinhos locais nos próximos meses. A venda antecipada para exportação e para outros estados tende a reduzir o volume interno até a nova colheita. Há compradores buscando trigo para março e abril, no interior, entre R\$ 1.070,00 e R\$ 1.080,00/tonelada, enquanto vendedores pedem R\$ 1.100,00. Com cerca de 80% da safra já negociada e embarques que somam 1,477 milhão de toneladas até 19 de fevereiro, além de 412.096 toneladas registradas para serem embarcadas nos navios, o volume exportado gaúcho deve alcançar ao menos 1,89 milhão de toneladas, ficando acima da projeção inicial. Em Santa Catarina, houve oferta de trigo de qualidade inferior a preços menores, enquanto as demais cotações permaneceram estáveis. Os valores de balcão variam entre R\$ 59,00 e R\$ 64,00/saco, conforme a praça. Produtores relatam intenção de reduzir a área na próxima safra, com migração para o milho. E no Paraná, os moinhos voltaram às compras. A referência mais geral é de R\$ 1.250,00/tonelada CIF moinho, com negócios entre R\$ 1.200,00 e R\$ 1.300,00 conforme qualidade e prazo.

Há percepção de menor volume disponível e preocupação com a qualidade do trigo importado, especialmente o argentino, cotado a US\$ 258,00/tonelada CIF Paranaguá.